

# **EDUCAÇÃO FÍSICA NO MATERNAL: SEM ESSA DE PROFESSOR “GALINHÃO”**

Simone Alves  
EMEFEI Manoel Caetano de Almeida

## **RESUMO**

O presente relato busca descrever a prática pedagógica com crianças do ensino infantil conduzida por Simone Alves, na EMEFEI “Manoel Caetano de Almeida”, na cidade de Várzea Paulista. Indica os inúmeros obstáculos encontrados na busca por orientações que pudessem nortear a ação didática, os elementos que remetem a idéia de pouca importância dada a esta etapa de ensino. Diante destes obstáculos, procurou descrever as sugestões de encorajamento, os caminhos trilhados, o contato com a família, como sendo estes sim, fundamentadores de uma lógica que busca romper os obstáculos e promover uma Educação Física que contempla uma prática pedagógica vinculada a valorização dos conhecimentos das crianças e a ampliação para outras práticas e debates.

Palavras - chave: Ensino infantil, Educação Física , prática pedagógica.

## **Identificação da escola**

Nome: EMEFEI “Manoel Caetano de Almeida”

A escola Municipal de Ensino fundamental e Educação Infantil está localizada á Rua Vitória-Régia, 121\_Residencial Alexandria foi inaugurada em Março de 2000, com a denominação de EMEFEI “jardim Felicidade” e em Maio do mesmo ano recebeu o atual nome. Por estar situada numa região de divisa com a cidade de Campo Limpo Paulista, também atende crianças moradoras desta cidade vizinha.

Contempla nos períodos manhã e tarde 10 turmas de ensino fundamental e 06 turmas de Educação Infantil. Escolhi para relatar uma das turmas da Educação Infantil que atende a 15 crianças de três anos, sendo seis meninos e nove meninas sob denominação de maternal.

## **Iniciando o percurso**

Neste ano de 2010 recebi o desafio de ministrar aulas para crianças do ensino infantil na Rede Municipal de Ensino na cidade de Várzea Paulista, apesar de estar indo

para o 5º ano de trabalho nesta rede, não havia anteriormente assumido nenhuma turma desta etapa, então, como é algo novo no meu percurso de vida profissional, senti diante deste desafio a necessidade de compreender ou tentar antecipar a resolução das diversas situações que estavam por vir.

Para dar início ao trabalho, realizei inúmeros contatos com o corpo docente da unidade escolar. Ao estabelecer estes contatos, eu buscava expor minha insegurança, insatisfação e anseios, bem como desvelar uma direção a ser seguida.

Essas conversas em pouco colaboravam para apontar o que, e porque não o como, poderia conduzir o trabalho, pois muitos argumentos traziam a tona mais espanto do que encanto. Nessa busca inicial conversei com pessoas que atuam nesta etapa de ensino com meses, outras com um a dois anos de vivência e até década, mas as respostas que recebia não davam conta de sanar as indagações, talvez pela ansiedade diante do novo, ou talvez é aí que penso ser o principal motivo, as respostas desses profissionais buscavam legitimar a Educação Infantil como uma área de cunho teórico confuso e não declarado, voltados quase que basicamente ao um preparo para seu ingresso no ensino fundamental, sendo muito enfatizado o desenvolvimento do respeitar as regras na fila e no falar, na utilização dos espaços escolares de modo geral e com garantia do brincar.

Inúmeras foram as respostas onde tentavam me situar dentro desta nova investida, algumas frases de “aconselhamento” foram muito marcantes:

*Pensa assim, aqui você é uma babá com nível superior!*

*Para dar conta, você tem que ser meio galinhão!*

*Não esquenta, é só brincar e não deixar ninguém se machucar!*

Argumentos como esses deixavam as relações bem esclarecidas por ali, marcando a condição subalternizada do ensino infantil bem como os profissionais que nele atuam, como aponta MACEDO (2010 pg. 49)

[...] Em diversos sistemas de ensino, os profissionais que atuam na Educação Infantil sequer são reconhecidos funcionalmente como professores. São chamados de pajens, auxiliares no

desenvolvimento infantil, educadores, recreacionistas, técnicos de apoio educativo, etc. Na ausência das disciplinas e saberes escolares parece que não se justifica a presença de professores.  
[...]

Pensava que bom, não sei o que ser babá, nem galinhão, e, como posso impedir que alguém se machuque?

Após essa busca, recorri então, à Organização curricular - Proposta de Trabalho Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Várzea Paulista que, onde os dizeres mencionados acima ganhavam legitimidade, pois como aponta o documento (2009, pg. 12):

A prática educativa baseada em procedimentos mecânicos deve ser superada pelo cuidado, atenção, carinho, aconchego, sem deixar de lado as necessidades básicas de higiene e saúde da criança.

Suspeitando dessas afirmações, foi verificar o projeto político pedagógico (PPP) da unidade escolar para encontrar possíveis pontos onde pudesse marcar o direcionamento da minha proposta de trabalho as expectativas expressas no referido documento. De posse do PPP, fui minuciosamente verificar sua referencia a Educação infantil, pude então constatar que o documento faz apenas duas referencias a esta etapa de ensino, na primeira há uma citação da LDB, artigo 29: *A educação infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.* A outra citação também retirada do mesmo documento se refere a avaliação.

Ja realizando essas incursões ao mesmo tempo em que assumiria a turma, sem saber que caminho trilhar, ia trilhando. Sem buscar ser dramática, más agregado a tudo isso coexistia o fato de que esta sala não havia sido atribuída a nenhuma professora, então na base do “jeitinho” as professoras que estavam eram em sistema de horas extras, numa semana era uma professora na outra semana já havia trocado.

Com essas constantes mudanças, a identificação das crianças com os docentes parecia não acontecer e no meu caso indo duas vezes por semana também causava a eles estranhamento. Todas as vezes que eu chegava, o choro como que em um coral era

estabelecido, obviamente muitas vezes eu quis chorar também. Realizado a conversa com os docentes, verificado o Referencial Curricular e o PPP, continuava sem referências plausíveis. Numa tentativa mais elucidativa na busca por subsídios que pudessem orientar um trabalho de Educação Física voltado para esta etapa de ensino, recorri então às coordenadoras do Ensino infantil do Município. Receberam-me (são duas) de modo bastante entusiasmado, sendo naquele primeiro contato muito solícitas.

Expus minhas dificuldades, explicitarei a necessidade de melhor conhecer a história da Educação infantil no Município, número de salas com turmas parecidas com as minhas, a fim de estabelecer contato com os professores de Educação física que nelas atuam etc. Neste dia tive duas respostas. Primeiramente que a única sala de maternal (crianças com três anos de idade) era a que eu tinha assumido e que as outras turmas da primeira etapa eram mistas três e quatro anos. E a segunda resposta foi a disponibilidade de seus e-mails e disse para que eu fizesse um contato com as perguntas que seriam naquele momento importante para sanar algumas inquietações, o que fiz ainda no mesmo dia. Passado um dia, dois dias, três dias... Não podia mais esperar uma vez que o ano letivo já estava a todo vapor, lancei-me no desafio.

Obviamente, realizei também alguns contatos muito positivos com um professor da mesma rede e com profissionais de outras redes os quais indicaram algumas leituras, teceram alguns argumentos e, sobretudo sugeriam para que eu me tranqüilizasse.

Estabelecendo um objetivo de trabalho

A partir de alguns contatos, ainda buscava dar sustentabilidade a esta etapa de ensino. Indiquei como objetivo norteador do trabalho o desejo de oportunizar uma prática pedagógica na etapa do maternal da educação infantil onde as crianças tivessem espaço para manifestar-se, segundo o qual a expressão motora de cada uma pudesse ser valorizada na Educação Infantil na EMEFEI Manoel Caetano de Almeida.

Optei por realizar um trabalho numa perspectiva que possibilitasse vislumbrar ações didáticas de cunho democrático e que pudesse reforçar o ensino infantil não apenas como uma fase transitória, de promoção exclusiva do cuidado e higiene. Para NEIRA (pg 31)

Em uma sociedade marcada pela diversidade cultural, uma Educação Física que se avenge democrática deverá proporcionar condições para que se possa romper com o circuito perverso que ao impor padrões,

exclui os corpos diferentes e que, por sua vez, ao tentar alcançar as referências hegemônicas, fracassam em função da sua trajetória cultural diferenciada.

Pensando no objetivo, organizei os próximos passos julgados imprescindíveis para a concretude do trabalho:

Questionário com as famílias onde apontava alguns fragmentos do cotidiano das crianças.

Verificar com as crianças sobre as atividades vivenciadas em momentos extra-escolares;

Visitas ao bairro onde a escola está inserida em final de semana ou feriado;  
Encaminhei para as famílias, por meio das agendas das crianças, um pequeno questionário onde também aproveitei para fazer uma breve apresentação.

*Senhores Pais ou Responsáveis,*

*Neste ano seu filho/filha terá duas aulas de Educação Física na semana. As aulas ocorrerão na terça-feira e também na quinta-feira.*

*A participação dos pais ou responsáveis é considerado algo muito importante e valioso, bem como a contribuição do professor, assim coloco-me a disposição para qualquer questionamento.*

*Peço que participem desta pequena pesquisa.*

*1 - Em locais que não seja a escola, o que seu filho/a costuma utilizar para brincar? (Bola, boneca, carrinho, ou qualquer outro brinquedo).*

*Grata, Professora Simone.*

Dos três passos escolhidos, o contato com a família via agenda pode trazer algo muito precioso, uma vez que na visita ao bairro não encontrei nenhuma criança desta idade brincando, também pudera! Na conversa com as crianças eu ainda não conseguia extrair as informações almejadas. Na agenda, foram encontradas três respostas: hominho (boneco) boneca e bola. Como a bola foi a resposta comum entre meninos e meninas, fiquei com esta opção. Pois segundo NEIRA ( pg. 23)

Ao reconhecer o conhecimento que as crianças trazem quando entram na escola, o/a professor/a as reconhece como sujeitos de conhecimento, sujeitos capazes, capacidade revelada e reconhecida no já sabido, e capacidade potencial para se apropriar e de socializar novos conhecimentos, que a escola lhes pode oferecer.

Sabendo o que utilizaria para legitimar as aulas de Educação Física, adentro oficialmente na ação pedagógica com as crianças.

Da sala até um espaço mais amplo (quadra) há um bom caminho e uma orientação para que as crianças fossem em filas, assim o fiz, por duas vezes. Lá chegando não conseguia reuni-los para aproximar-me delas e estabelecer uma relação dialógica, então confeccionei dois sacos em TNT um azul e outro vermelho, e passei a colocar as bolas que seriam utilizadas dentro destes sacos. As crianças com a curiosidade que lhe é peculiar me acompanhavam e ao chegar à quadra elas sentavam em volta deste saco para certificar do que poderia haver lá dentro.

No momento em que elas estavam reunidas eu ia fazendo alguns questionamentos:

*Quem sabe o que pode ter aqui dentro? Conforme iam respondendo, novas perguntas eram realizadas. De que cor? O que podemos fazer com ela? E tantas outras.* Aqui era necessário levar uma bola para cada criança, pois eles ainda não brincavam juntas. Após esta etapa, oportuneizei o fazer e o brincar com uma bolinha de papel. Com esta bolinha ocorreram muitas atividades, arriscaram a lançar em um balde e afirmam ter jogado basquete.

Durante este período as crianças brincaram de bolinha de sabão, bolinha de papel, arremessos para o alto, utilizando raquetes e bolas, com auxílio de um mini cone disseram montar um sorvete,

Então, após ter havido o rodízio entre seis professoras, no dia 22 de março a sala foi finalmente atribuída, extinguindo-se o rodízio constante de docentes. Passaram a ter a referência da professora de sala, os choros tornaram-se cada vez mais raros e a interação é cada vez mais surpreendente.

As aulas iniciaram-se em 04 de fevereiro, agora caminhando para o quarto mês de trabalho, já realizamos diversos jogos e raramente faço uso do saco para levar o material que será utilizado, pois eles ajudam a buscar e a guardá-los, essa dinâmica também contribui muito para inexistência de filas.

Conforme as crianças foram se apropriando do material, elas também passaram a fazer algumas identificações com as práticas observadas em outros ambientes. A questão de chutar a bola tem sido muito curiosa, com grande frequência as crianças têm dito que estão jogando futebol e agora já interage entre elas não sendo necessário uma bola para cada criança.

Como um modo de ampliar as experiências educacionais sobre as práticas realizadas, levei a música É Uma Partida de Futebol do grupo Skank com Composição de Samuel Rosa E Nando Reis. Enquanto a música estava tocando notava as crianças bem empolgadas dançando. Quando questionei o que eles haviam ouvido, disseram que era a música do gol. Uma aluna afirmou que era igual a música que seu irmão ouviu antes de ir ao museu do futebol.

As aulas são sempre iniciadas com uma conversa ainda dentro da classe, são comuns questionamentos onde as crianças comentam as brincadeiras que já realizaram com as bolas. Como notei muitas falas sobre o futebol passei a levar o caderno de esporte do jornal de Jundiaí para que eles observarem se encontram notícias (foto) que evidenciem jogos com bola. Após identificado a notícia eles me mostram, e as vezes até discordam entre si. Numa dessas leituras, uma criança me mostrou a foto de um jogador e disse que era de um “são paulino”, o amiguinho da criança vendo o equívoco, afirmou: não é, é do palmeiras! Após esta parte inicial da aula, todos juntos vamos pegar o material que será utilizado na para a prática motora.

Nesta prática pedagógica onde as crianças ajudam a buscar o material tenho tido a oportunidade de notar alguns conflitos gerados pelas crianças, ora eles estão bem claros, ora um pouco mais tácitos, entretanto sempre presente. Tenho notado que a cor da bola tem influenciado as escolhas de modo diferente entre meninas e meninos, com elevada frequência a cor rosa tem se tornado a escolha preferida das meninas e as cores verdes e azul são as escolhas dos meninos.

A esse respeito promovi um conversa com a turminha. Assim, não basta fazer, é preciso refletir, questionar, compreender NEIRA (2008). Muitos deles até dizem que as

meninas podem brincar com cores que não sejam somente a rosa, entretanto na prática pouco se admite esta experiência com a utilização do argumento que rosa não é cor de menino.

De início de fevereiro até agora final de maio, pelas dificuldades que apresento no relato, penso ter direcionado um trabalho onde está sendo possível caminhar com cuidado, atenção, carinho, aconchego, sem deixar de lado as necessidades básicas de higiene e saúde da criança, más sobretudo existe a evidencia de que as crianças são capazes de fazer suas apropriações, construções, argumentações e inferências sobre as práticas corporais vivenciadas.

### **Considerações finais**

Inúmeros são os fatos que dificultam a realização do trabalho docente, parece haver toda uma orquestração proposital para caracterizar a Educação Infantil como algo sem relevância pedagógica.

Apesar de não caracterizar uma pesquisa com rigor científico, este breve relato aponta fragmentos de uma prática que busca valorizar a expressão motora, promover uma ampliação das práticas vivenciadas e um despertar crítico mesmo com crianças de três anos.

### **Referências Bibliográficas**

MACEDO, E.E. **Educação Física na perspectiva cultural: análise de uma experiência na Creche.** Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-163021>. Acesso em 02/06/2010.

NEIRA, M.G. **Educação Física na Educação Infantil: algumas considerações para a elaboração de um currículo coerente com a escola democrática.** Capítulo do livro “Educação Física para a Educação Infantil: conhecimento e especificidade” Publicado em 2008 Editora UFS.

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR - **Proposta de trabalho pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Várzea Paulista, 2009.**